

Entre a Polônia e o Brasil

Histórias de família

A semente que atravessou gerações

Relato de Carolina Scapin Moeniki

“...Poszła Karolinka do Gogolina...”

Minha lembrança mais remota ligada à cultura polonesa é a de meu pai, Casemiro, cantando para mim essa conhecida canção popular e me incentivando a repetir algumas palavras em polônês. Naquele momento, eu ainda não compreendia completamente o significado de tudo aquilo, mas começava a receber uma herança preservada por diferentes gerações da minha família.

Meu pai dava continuidade também a um pedido feito por meus avós, José Moenik e Zuzana Kotovicz Moeniki: *que seus descendentes não se esquecessem de suas origens polonesas e procurassem preservá-las e transmiti-las às gerações seguintes.*

A história dessa família no Brasil começou no século XIX. Os **Moenik**, cujo sobrenome originalmente era escrito em polônês como **Młynek** (pequeno moinho), vieram do pequeno vilarejo de Chrościce, na região de Opole, no sudoeste da atual Polônia. Sua partida ocorreu durante a grande onda de imigração polonesa/silesiana do final daquele século, período em que muitas famílias deixaram sua terra de origem em busca de novas oportunidades e melhores condições de vida.

Em 1876, Franz Młynek e sua esposa, Franciszka Smolka, ambos com 36 anos, acompanhados dos filhos Albert, de 7 anos, e Paul, de 2 anos, constavam entre as 218 pessoas que solicitaram a liberação da cidadania prussiana, declarando a intenção de deixar a Prússia para se estabelecer no Brasil. Em abril daquele mesmo ano, o navio Salier partiu de Antuérpia com destino à América, levando 443 passageiros.

AV	Nome	Idade	Sexo	Religão	Profissão	Estado Civil	Local de Nascimento	Destino
181	Franciszk Smolka	36	F				Chrościce	
182	Albert Młynek	7	M				Chrościce	
183	Paul Młynek	2	M				Chrościce	
184	Franciszk Smolka	36	F				Chrościce	
185	Albert Młynek	7	M				Chrościce	
186	Paul Młynek	2	M				Chrościce	
187	Franciszk Smolka	36	F				Chrościce	
188	Albert Młynek	7	M				Chrościce	
189	Paul Młynek	2	M				Chrościce	
190	Franciszk Smolka	36	F				Chrościce	
191	Albert Młynek	7	M				Chrościce	
192	Paul Młynek	2	M				Chrościce	
193	Franciszk Smolka	36	F				Chrościce	
194	Albert Młynek	7	M				Chrościce	
195	Paul Młynek	2	M				Chrościce	
196	Franciszk Smolka	36	F				Chrościce	
197	Albert Młynek	7	M				Chrościce	
198	Paul Młynek	2	M				Chrościce	
199	Franciszk Smolka	36	F				Chrościce	
200	Albert Młynek	7	M				Chrościce	
201	Paul Młynek	2	M				Chrościce	
202	Franciszk Smolka	36	F				Chrościce	
203	Albert Młynek	7	M				Chrościce	
204	Paul Młynek	2	M				Chrościce	
205	Franciszk Smolka	36	F				Chrościce	
206	Albert Młynek	7	M				Chrościce	
207	Paul Młynek	2	M				Chrościce	
208	Franciszk Smolka	36	F				Chrościce	
209	Albert Młynek	7	M				Chrościce	
210	Paul Młynek	2	M				Chrościce	
211	Franciszk Smolka	36	F				Chrościce	
212	Albert Młynek	7	M				Chrościce	
213	Paul Młynek	2	M				Chrościce	
214	Franciszk Smolka	36	F				Chrościce	
215	Albert Młynek	7	M				Chrościce	
216	Paul Młynek	2	M				Chrościce	
217	Franciszk Smolka	36	F				Chrościce	
218	Albert Młynek	7	M				Chrościce	

Lista de passageiros do navio Salier. SIAN – Sistema de Informações do Arquivo Nacional: <https://sian.an.gov.br>

No Brasil, a família estabeleceu-se na Colônia Thomaz Coelho, em Araucária, no Paraná, um dos principais núcleos da imigração polonesa nos arredores de Curitiba. Ali, como tantas outras famílias de imigrantes, dedicaram-se principalmente à agricultura.

Albert, que no Brasil passou a ser chamado de Alberto, casou-se com Anna Kawa em 1888, na Capela de São Miguel, erguida pelos próprios imigrantes poloneses. Dessa união nasceu, em 20 de setembro de 1910, José Moenik, meu avô.

José casou-se com Zuzana Kotovicz em uma celebração que preservava costumes poloneses. A festa aconteceu no paiol da casa da noiva e reuniu familiares, amigos e integrantes da comunidade.

Acervo pessoal: Convite de casamento de José e Zuzana



Na família que formaram, José e Zuzana mantiveram vivas muitas das tradições recebidas de seus antepassados. A língua ocupava um lugar central, tanto dentro de casa quanto nas relações com os vizinhos. Meu avô também recebia exemplares do jornal polonês Lud. Segundo as lembranças contadas por meu pai, sentava-se com entusiasmo na varanda da casa para ler e acompanhar notícias relacionadas à Polônia. Mesmo distante, mantinha assim um vínculo com a terra de origem de seus antepassados.



A música era outra presença constante. José tocava violino e, depois dos almoços em família, todos se reuniam para ouvi-lo. Seu repertório incluía músicas polonesas e, em algumas ocasiões, ele se juntava a amigos e conhecidos para tocar em festas e casamentos da região. A religiosidade também era vivida em comunidade: durante a Quaresma, familiares e vizinhos reuniam-se para a via-sacra e entoavam, em polonês, os cânticos religiosos.

Acervo pessoal: José Moenik com seu violino.

Essa herança atravessou gerações até chegar a mim. Meus avós já haviam falecido quando nasci, por isso não pude conhecê-los pessoalmente. Ainda assim, crescer ouvindo meu pai Casemiro contar as histórias de nossa família despertou em mim a curiosidade e, pouco a pouco, um vínculo cada vez mais profundo com minhas origens polonesas.

Quando éramos crianças, minhas irmãs e eu começamos a participar de um grupo folclórico polonês. Permaneci ligada ao folclore até perto dos 30 anos, aprendendo não apenas danças e músicas, mas também sobre trajes, costumes e tradições das diferentes regiões da Polônia.



Acervo pessoal: Minhas irmãs Isabel, à esquerda, e Andressa, meu cunhado André e eu, Carolina.





Aquilo que começou como parte da minha infância passou a ocupar um lugar cada vez maior em minha trajetória. Por meio do folclore, conheci pessoas, vivi experiências marcantes e tive meu primeiro contato com a Polônia. Essa viagem à terra de meus antepassados despertou em mim o desejo de retornar.

Anos mais tarde, escolhi a Polônia como meu lar durante três anos. Lá, aprofundi meus conhecimentos da língua e concluí um mestrado na Universidade Jaguelônica, em Cracóvia.

Hoje, como descendente de imigrantes poloneses, continuo cultivando essa polonidade que chegou até mim por tantos caminhos: pelas histórias de família, pela língua, pela música, pelo folclore e pelas lembranças transmitidas de geração em geração. Atualmente, sou professora de língua polonesa e exerço essa atividade com profundo respeito e gratidão por todos aqueles que contribuíram para que essa herança permanecesse viva.

Acervo pessoal: Casemiro, meu pai, e Terezinha, minha mãe em visita a Cracóvia durante meus estudos na universidade.

Hoje entendo que essa herança foi sendo transmitida de diferentes maneiras ao longo das gerações: pela língua, pela música, pelos costumes e pelas histórias de nossa família. Ao ensinar a língua polonesa e manter vivas essas memórias, procuro continuar cuidando dessa semente que chegou até mim e contribuir para que ela também possa atravessar as próximas gerações.

Realização:



Financiamento:



Apoio:

